

São Joaquim da Barra, a festa da soja

Divulgação: Prefeitura Municipal

A apresentadora Ana Maria Braga não se cansa de dizer que é de São Joaquim da Barra. No seu programa de televisão, ela tem buscado valorizar sua origem. Já falou sobre a produção de álcool e açúcar e, mais recentemente, sobre a soja.

São Joaquim da Barra, situada à beira da Rodovia Anhanguera, era ponto de descanso dos tropeiros que desbravavam o Sertão do Rio Pardo. Sua história é parecida com a da maioria das cidades da região: terras doadas por fazendeiros, criadores de gado, seus primeiros habitantes. Com a chegada dos trilhos da estrada de ferro até Batatais, a cultura do café ganha força na cidade. Cultura que mudou a estrutura social e demográfica do município.

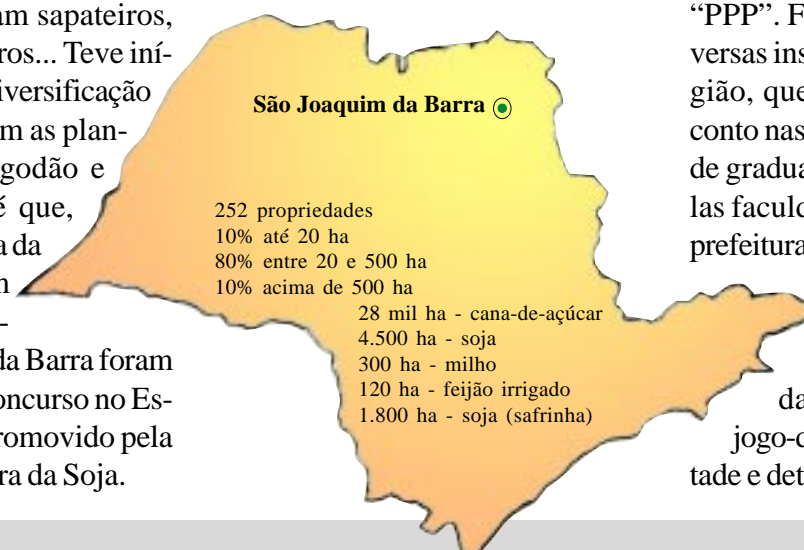
Mas a decadência do café, após a crise de 29, levou o município, novamente, a mudar o rumo. Os imigrantes europeus, predominantemente italianos, abandonaram a lida nas fazendas e investiram em outras habilidades: surgiram sapateiros, marceneiros, pedreiros... Teve início neste período a diversificação no campo, e surgiram as plantações de arroz, algodão e cana-de-açúcar, até que, nos anos 50, a cultura da soja é introduzida. Em 1952, três agricultores de São Joaquim da Barra foram premiados em um concurso no Estado de São Paulo promovido pela Campanha de Cultura da Soja.



Entrada principal de São Joaquim da Barra

O pioneirismo e a boa produtividade consagraram São Joaquim como a "Capital da Soja". A primeira Festa da Soja foi realizada em 1967. Tornou-se tradição e até hoje movimenta a cidade no mês de maio. Atualmente a soja continua presente ao lado da cana-de-açúcar, milho, sorgo e feijão.

O agronegócio tem papel importante para este município de 45 mil habitantes. Representa 40% da economia local e garante 50% dos empregos. A produção rural impulsionou o surgimento de indústrias e usinas nos arredores. 350 indústrias



estão instaladas na cidade, a maioria ligada ao setor.

Os moradores se orgulham também do comércio forte, que atrai consumidores de toda a região, e da prestação de serviços, principalmente na área médica.

A atenção com o meio ambiente fez com que fosse desativado o lixão da cidade.

Hoje o lixo é enviado ao aterro sanitário da cidade de Guará. O tratamento do esgoto é o novo desafio. O projeto já está aprovado junto ao FEHIDRO e aguarda a liberação da verba.

Na área da educação, São Joaquim foi uma das poucas cidades que não aderiram à municipalização. Seguindo a prefeitura, para não correr o risco de em 5 anos não conseguir garantir à população o direito ao ensino fundamental e médio.

A ausência de curso superior na cidade fez com que a administração municipal instituisse sua própria "PPP". Firmou parcerias com diversas instituições de ensino da região, que garantem 40% de desconto nas mensalidades nos cursos de graduação: 20% oferecidos pelas faculdades e 20% pela própria prefeitura.

A cidade que sempre conseguiu mudar de rumo diante das necessidades mostra que o bom jogo-de-cintura depende de vontade e determinação.



Olho vivo e faro fino

No momento em que os astrônomos descobrem um novo planeta, que um robô bisbilhota Marte e que os satélites "congestionam" o céu, não parece mais ser possível que as propriedades rurais continuem a ser registradas nos cartórios referenciadas por árvores, bicas d'água ou pequenas matas. O recadastramento nacional de terras que o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) começou a executar, é uma tentativa de corrigir distorções do passado. Os dados levantados pelo satélite SAD-69 poderão

ser usados no georeferenciamento das propriedades. Um recadastramento que, se bem usado, poderá deixar menos confusa a estrutura fundiária do Brasil. O prazo concedido para o recadastramento das propriedades já está em andamento. Segundo o Incra, até agora apenas 450 certificados foram emitidos no Estado de São Paulo, sendo que de cada 10 requerimentos, 8 são rejeitados pelo não cumprimento das normas.

O recadastramento é obrigatório e a Lei nº 10.267/2001 está em vigor. Mas um Projeto de Lei de Conversão da Medida Provisória 2166/67, que trata das alterações do



Dr. Evaristo de Miranda, da Embrapa Monitoramento por Satélite, de Campinas, abre o Ciclo de Debates 2004

Código Florestal, ainda tramita pelo Congresso. O Projeto de Lei ganharia muito em qualidade se o levantamento por satélites fosse usado como ferramenta, na determinação dos dados atuais de uso e ocupação do solo. Estes dados, somados a aspectos sócio-econômicos contribuiriam singularmente para definir os impactos de qualquer mudança proposta. Em outras palavras, seria fundamental na construção de um parâmetro técnico e científico que venha a ter, de fato, reflexos positivos sobre a preservação ambiental. Segundo a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, seria um avanço: "Não é aceitável

que grandes regiões brasileiras sejam tratadas de forma homogênea. O ZEE, Zoneamento Ecológico e Econômico é um caminho a seguir, para substituir, de uma vez por todas, a "achometria" ideológica pela ciência".

O assunto certamente renderá inflamadas discussões. Por isto, uma das maiores autoridades em análise de imagens e levantamento de dados por satélites no Brasil, o Dr. Evaristo Eduardo de Miranda, da Embrapa Monitoramento por Satélite, de Campinas, foi convidado para fazer a palestra de abertura do Ciclo de Debates 2004, da ABAG/RP, no final do mês de fevereiro.

O Ciclo de Debates é uma oportunidade para que a sociedade possa discutir os mais diversos assuntos diretamente com grandes especialistas. Na palestra, o Dr. Evaristo mostrou a evolução dos satélites, que hoje chegam a ter 68 cm de precisão e podem ser usados para diversos fins. Falando especificamente da utilização no campo, mostrou que a tecnologia pode ser uma grande aliada. Citou como exemplo o ZEE feito pelo estado do Mato Grosso, que está pronto para discutir, com base científica, as propostas de alteração do Código Florestal. Segundo ele, os bancos de dados montados a partir das informações do campo podem ter mais de 200 variáveis; revelando indicadores econômicos, dados sociais e de gerenciamento ambiental.

Uma ferramenta capaz de avaliar qualquer impacto, de forma dinâmica e precisa.

Uma ferramenta capaz de avaliar qualquer impacto, de forma dinâmica e precisa.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

(Cora Coralina)

A frase do título foi usada para homenagear o Ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, após a palestra que ele proferiu aos professores do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, da ABAG/RP.

Mais de 800 pessoas, 600 delas professores, ouviram atentamente as palavras do Ministro Roberto Rodrigues, que falou sobre o agronegócio brasileiro, um assunto aparentemente distante do currículo do ensino médio. Mas a experiência do “professor” Rodrigues aproximou tanto o tema do cotidiano dos presentes, que todos saíram com a certeza de fazer parte deste imenso universo.

Desde o primeiro ano do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, em 2001, a palestra de capacitação dos professores vem sendo feita por Roberto Rodrigues. Nos dois primeiros anos como presidente da ABAG, e nos dois últimos como Ministro da Agricultura.

Um privilégio para um Programa que tem como objetivo revelar a importância do maior setor da economia da região e do país, levando a realidade para dentro da sala de aula. Com isso, ampliam-se horizontes e perspectivas, resgatam-se valores e, principalmente, faz-se com que os estudantes conheçam e se orgulhem da região e do país em que vivem.



Ministro Roberto Rodrigues durante palestra de capacitação do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”

A capacitação dos professores é uma etapa fundamental do Programa, uma vez que serão eles, que de forma multidisciplinar, disseminarão os conceitos entre os alunos.

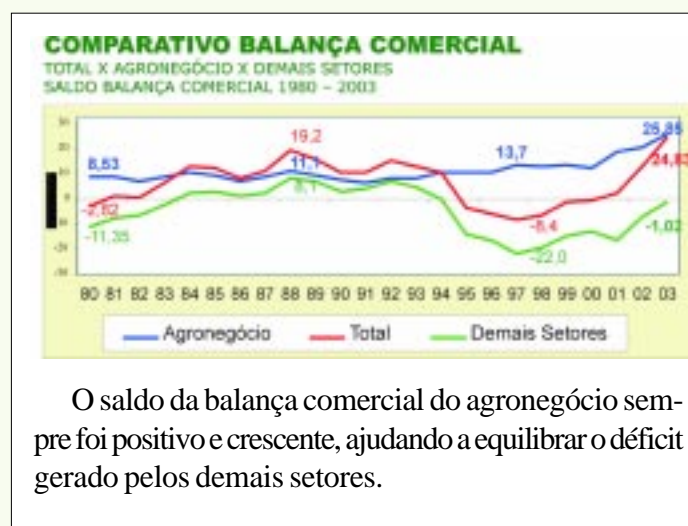
Um dos principais desafios da ABAG/RP, e de todo o agronegócio brasileiro, é fazer com que a sociedade conheça melhor este setor, que apesar da importância econômica e social que possui, ainda sofre com antigos preconceitos. Em sua palestra o Ministro foi enfático: “Por favor, não generalizem pela exceção”, referindo-se a idéias ultrapassadas, como a relação da imagem do produtor com a do Jeca Tatu; a da incompatibilidade entre produção rural e preservação ambiental; a de que alguns fóruns de negociação internacional devem ser boicotados; a de que a exportação é prejudicial ao abastecimento interno; entre muitas outras.

Os dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (quadros) apresentados aos professores foram os mesmos usados em reuniões setoriais e esclareceram muitas impropriedades, que de tanto serem repetidas por pessoas mal informadas acabam sendo tomadas como verdadeiras.



Coral formado por alunos da E.E. “Odolfo de Oliveira Guimarães”, de Viradouro, marcaram a entrada da cidade no Programa “Agronegócio na Escola”, encimando o evento de abertura.

O aluno Jean Willian Silva, da cidade de Sertãozinho, que participou do Programa “Agronegócio na Escola” em 2001, cantou e encantou.



O saldo da balança comercial do agronegócio sempre foi positivo e crescente, ajudando a equilibrar o déficit gerado pelos demais setores.



Quanto à exportação, é comum ouvir entre a população que o país exporta em detrimento ao abastecimento interno. No caso dos grãos, 70% fica no mercado interno e 30% é exportado. Assim como os produtos do complexo carnes, 85% e 15%, respectivamente.



Em termos de meio ambiente não há nada que oponha produção e preservação. Hoje a área plantada no Brasil é de 57 milhões de hectares, existem outros 90 milhões a serem incorporados, sem que nenhuma árvore da Amazônia seja derrubada, por exemplo.

A área plantada no Brasil cresceu, segundo o Ministério da Agricultura, 24,3% entre 1990 e 2003. No mesmo período produção física cresceu 126,3%. Resultado da incorporação de tecnologia e do melhor gerenciamento da atividade no campo.

Agropecuária no Brasil: Potencial Produtivo

Produto	SAFRA 2003-04		Potencial	
	Produção (milhões t)	Área (milhões ha)	Produção (milhões t)	Área (milhões ha)
Soja	57,7	21,1	80,5	23,0
Algodão	48,3	15,2	185,9	23,7
Arroz	13,5	3,8	35,4	6,8
Feijão	3,5	4,3	9,0	4,8
Trigo	3,2	1,8	9,2	1,8
Canola	6,0	2,8	9,0	3,8
Uva	6,0	1,4	3,5	2,7
Frutas	138,8	47,8	290,1	85,0
Carne-de-Açúcar	384,4	4,8	70,4	4,8

Fontes: Agrisul, Pensa MAPA, COMAG, IBGE
1 Sete 2003

Uma dúvida comum foi sanada com a apresentação destes números. Como a região é grande produtora de cana-de-açúcar, a impressão é que prevalece a monocultura. Mas os números são claros. A área plantada com cana-de-açúcar no Brasil é pouco maior que a de feijão.

No evento foi lançada ainda a próxima etapa do Programa: um concurso de redação com o título “Agricultura, tecnologia e meio ambiente”. Os 11.600 alunos participantes em 2004 poderão inscrever seus trabalhos, sendo que dois de cada escola serão classificados. O prêmio será uma visita à Agrishow.04, para ver de perto a grandiosidade da tecnologia à disposição do agronegócio brasileiro.